

OLAVO BILAC: CRONISTA DA CIDADE, JORNALISTA DA BELLE ÉPOQUE

Mestranda Marta Scherer (UFSC)¹

RESUMO: *Este trabalho apresenta um estudo sobre Olavo Bilac, não como o grande poeta parnasiano, mas sim como o jornalista de texto magistral e testemunha de um momento de grande efervescência cultural e política no país. Suas crônicas são documentos da maior importância e que servem como espelho da mentalidade brasileira na passagem do século. Ao realizar uma inserção na vasta produção jornalística de Bilac, é objetivo compreender transformações significativas no Rio de Janeiro em clima de Belle Époque. Na busca pela consolidação da urbe, é aberto espaço à Literatura como elemento decifrador, é a cidade como texto.*

PALAVRAS-CHAVE: Olavo Bilac, crônica, cidade, Belle Époque

Introdução

O presente texto tem como objetivo trabalhar com a obra jornalística de Olavo Bilac, mais precisamente com as crônicas dominicais publicadas no jornal Gazeta de Notícias, no período que compreende de 1897 (quando substitui Machado de Assis na coluna A Semana) até 1908 (ano no qual encerra sua carreira jornalística). Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac nasceu e morreu no RJ (1865/1918). Conhecido como o maior poeta parnasiano brasileiro, autor da letra do hino à bandeira e inspirador de movimentos nacionalistas, escreveu, entretanto, a vida toda para a imprensa como excelente cronista em prosa e verso, num estilo expressivo e rico. O poeta, que se considerava um ourives das palavras, mostra-se, também, ourives das notícias.

Homem de imprensa por 20 anos, Olavo Bilac retratou as calçadas do seu Rio de Janeiro. Como um Baudelaire às avessas, o nosso príncipe dos poetas, deixou de lado suas rimas e sonetos, chegando mesmo a negligenciar, em parte, sua atividade de poeta, sobretudo nos últimos anos de vida. As palavras de Walter Benjamin, ao se referir à produção poética francesa com o advento da iluminação artificial, parecem terem sido feitas para este Bilac: “A Lua e as estrelas já não são dignas de menção”. (BENJAMIN, 1994, p.47).

É assim, na tentativa de comprovar a relevância de Olavo Bilac como cronista carioca, que se configurou o presente trabalho, cuja a estratégia é (re)ler o Rio de Janeiro pelos olhos bilaquianos. Ao realizar uma inserção na produção jornalística de Olavo Bilac, superando os paradigmas estabelecidos em torno de sua obra, é objetivo compreender transformações significativas na cidade do Rio de Janeiro. Através de sua trajetória poderemos examinar como sua *persona* articulava-se com a prosa que escrevia e, por consequência, verificar sua importância como porta-voz da elite local.

Tomo como base 68 textos que tem como tema central o Rio de Janeiro, todos publicados ao longo de diversos domingos acontecidos entre 1893 a 1908, no jornal Gazeta de Notícias, onde Bilac substitui Machado de Assis na coluna dominical em 1907. São documentos da maior importância que nos servem como espelho da mentalidade brasileira na passagem do século. A escolha da base material leva em conta o fato de ter sido o jornal

mais importante de sua época, o objetivo maior “dos homens de letras”. A Gazeta de Notícias, “o melhor jornal brasileiro da época”, nas palavras de Nélson Weneck Sodrê (SODRÊ, 1999. p. 314), foi responsável por importantes reformas na imprensa. O jornal de Ferreira de Araújo era a folha que abria maior espaço à colaboração literária no Brasil, e que melhor remunerava os escritores. Senão pelos motivos expostos, justificamos também a escolha por ter sido deste jornal que saíram as crônicas do livro *Ironia e Piedade*, selecionadas pelo próprio Bilac. Na introdução do livro, encontramos uma ode à Gazeta: “É que a Gazeta, naquele tempo, era a consagradora por excelência. Não era eu o único mancebo ambicioso que a namorava; todos da minha geração tinham a alma inflamada daquela mesma ânsia” (BILAC, 1916, p.10)

1. A cidade como protagonista

Foram nas páginas dessa Gazeta que Olavo Bilac incorporou-se a um tema que já era recorrente em todo mundo: a vida urbana. Dickens, Dostoiévski, Balzac, Poe, Baudelaire: autores que fizeram da cidade sua matéria-prima, registrando ou analisando o surgimento e crescimento das metrópoles, com suas contradições e novidades. Na busca pela consolidação da urbe, é aberto espaço à Literatura como elemento decifrador, é a cidade como texto. “Esta ‘legibilidade’ da urbs influenciará no próprio perfil do homem de letras: antes de saber escrever com elegância clássica, será preciso que ele aprenda a ‘ler’ a cidade”. (ALVES, 2005. p.100).

O centro urbano e político da capital federal, que tem seu coração na rua do Ouvidor, é o palco da instalação da “modernidade” do país, assim como pólo de quase toda produção literária nacional. A história da Primeira República foi indissociável da história de sua Capital Federal, cujas calçadas representam o país, como explicita Bilac:

A Rua do Ouvidor é o Rio de Janeiro; a Rua do Ouvidor é o Brasil. Perguntar: ‘como está a rua do Ouvidor?’ é o mesmo que perguntar ‘como está a pátria?’ Quando a rua do Ouvidor passa bem, a pátria exulta e vibra, numa plethora de mocidade e saúde; quando a rua do Ouvidor tem uma pontinha de febre, o Brasil está sepultado no fundo de uma cama, desconsolado e moribundo” (BILAC, 1902).

Em torno de seus cafés e livrarias viviam os nomes que compunham a vida intelectual e política, era ali onde se reconheciam e transitavam. No entanto, nem só de glórias e louvores era cercado o endereço. Era também “o alçapão dos governos”, como afirma Machado de Assis em crônica (ASSIS, 1959, p.352) que propõe o alargamento da Rua do Ouvidor como maneira de acabar com os boatos e, por conseguinte, com as dificuldades políticas. Como sempre menos irônico e mais fatalista, Euclides da Cunha, em carta a Afonso Arinos, escreveu que “realmente, cada vez mais me convenço que esta deplorável rua do Ouvidor é o pior prisma por onde toda a gente vê a nossa terra”. (GALVÃO, 1997. p 251.).

A Rua foi também citada pelo escritor em seu famoso *Sertões*, como metáfora do confronto entre civilização e barbárie. Euclides da Cunha denunciou o empenho do endereço carioca que concentrava, na época, os maiores jornais e editoras, em desejar a derrota do povo de Canudos. “A Rua do Ouvidor valia por um desvio das Caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro” (CUNHA, 1979.p.

282), escreve, após lembrar do episódio, ocorrido durante a revolta, de destruição dos jornais que defendiam a causa monárquica e que foram aniquilados pela população ensandecida aos gritos de “Viva a República”. A Rua, mais do que o coração do país, como queria Bilac, era a antítese do atraso, o outro lado do Brasil profundo e desconhecido

Explica-se assim a escolha da região central do Rio de Janeiro como elemento catalisador das mudanças do que se planejava como um modo de vida para o país “moderno”. A estreita Rua do Ouvidor já não podia representar os novos tempos e a necessidade de mostrar a modernidade se torna mais urgente. Para tanto são desapropriados 557 prédios que darão lugar a uma avenida com dois quilômetros e impressionantes 33 metros de largura, ligando o mar ao mar: em março de 1904 a Avenida Central é inaugurada.

É essa a capital federal o cenário descrito pelo cronista Olavo Bilac. Após a proclamação da República, grandes transformações de natureza econômica, social, política e cultural agitam a cidade. A implementação das novidades no Rio de Janeiro foi realizada em ritmo acelerado. A cidade era o cenário das sucessivas substituições, no qual “a nova classe conservadora ergue um decor urbano à altura de sua empáfia” (SEVCENKO, 1989, p.30). É no movimento que se convencionou chamar de “bota-abaixo” que as transformações da urbe carioca aparecem com mais nitidez e se cristalizam. O modelo a ser seguido é um só: Paris. Assim como Napoleão III e o Barão de Haussmann remodelam e reconstróem a capital francesa em meados do século XIX, o presidente Rodrigues Alves e o prefeito Pereira Passos - lembrando que o último havia estudado em Paris na época das reformas da capital francesa – transformam o centro do Rio de Janeiro.

A tarefa proposta, portanto, era a de exterminar o passado colonial, “limpando” o que havia de velho e sujo, para que a modernidade pudesse se instalar no Brasil: “o chique era mesmo ignorar o Brasil e delirar por Paris” (BROCA, 1975, p.92). Uma das principais conseqüências dessa entrada forçada na modernidade e mais preocupada em fazer do Rio um cartão-postal do que com o bem estar do povo, seria o modelo excludente da maior e melhor cidade brasileira. Nesse modelo, a população segredada nem deveria aparecer e, para tanto, demarcações de território eram bem-vindas e leis foram constituídas.

O panorama que temos, portanto, é o de uma cidade letrada que tenta projetar uma cidade ideal a ser implantada na realidade, tirando o lugar da cidade real: “A partir dessas condições, é possível inverter processo: em vez de representar a coisa já existente mediante signos, estes se encarregam de representar o sonho da coisa, tão ardentemente desejada nessa época de utopias, abrindo o caminho a essa futuridade que governaria os tempos modernos” (RAMA, 1985, p.31). Ao registrar e enaltecer o simbólico em detrimento do concreto, os textos de Olavo Bilac contribuíam para a formação desse panorama, uma vez que esteve quase sempre apoiando a tentativa de remodelação da cidade “pelo alto”. Tal posição não invalida sua produção, nem é atitude exclusiva. “Todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam” (SEVCENKO, 1989, p. 20). É obra, portanto, que com seus condicionantes e perspectivas nos ajuda a ler a realidade que lhe era subjacente.

As crônicas escritas por Olavo Bilac são como espelhos do Rio em metamorfose, representando visões que fazem de seu titular um escritor da cidade por excelência. No meio da sua extensa atividade jornalística, é a urbe, com todas suas nuances, que ocupa lugar privilegiado. Assim como em Baudelaire, a cidade balaquiana não é expressa através da descrição direta de seus habitantes. “A incisividade e a dureza com que Shelley fixou

Londres na imagem de suas pessoas não convinha à Paris de Baudelaire”, analisa Walter Benjamin (BENJAMIN, 1994. p.55). No Rio de Janeiro de Olavo Bilac tampouco as pessoas recebem rosto ou nome, quando muito aparecem como personagens criados para exemplificar a verdadeira protagonista: a cidade. No período do bota-abaixo vemos o cronista exacerbar todo seu entusiasmo e amor pela urbe. Os textos nos remetem à imagem de um jovem deslumbrado com a possibilidade de ver seu sonho concretizado. Na concepção bilaquiana, o espaço físico é compreendido como fator determinante para a construção de uma nova imagem de nação brasileira, como o fim da “barbárie”.

Os textos de Olavo Bilac transparecem o engajamento do escritor pela reforma em si. Seus personagens são a cidade e suas mudanças, não seus moradores. O cronista é um defensor e entusiasta do bota-abaixo, que assume a função de enaltecer e esclarecer as obras, como modelo de intelectual que se atribui a função de orientar o público no sentido da adesão ao sistema. Vejamos um entre tantos exemplos, justamente na inauguração do símbolo maior da administração Rodrigues Alves/Pereira Passos, a Avenida Central.

O meu bom povo, o povo da minha linda e amada cidade está delirante. (...) Que é que lhe haviam dado os governos até agora? Imposto e pau; ruas tortas e sujas; casas imundas...e às vezes atravessadas por balázios; estados de sítio e bernardas; febre amarela e tédio (...) E eis que, de repente, alguém lhe tapa os olhos, e leva-o assim vendado a um certo lugar, e retira-lhe a venda, e mostra-lhe uma avenida esplêndida bordada de palácios, e cheia de ar e de luz. (BILAC, 1905)

Bilac aparece, assim, como um dos “sustentáculos da euforia reformista, pretendendo assumir posições públicas de esclarecimento” (RESENDE, 1993. p.112). Um dos mais ardorosos defensores do projeto de reformas, tanto das mudanças materiais como de seu sentido mais amplo, acredita que uma cidade limpa, moderna, acolhedora para as artes, seria capaz de caminhar para o progresso.

Desde o momento que Pereira Passos assume a Capital Federal e lança suas metas de governo, em janeiro de 1903, Olavo Bilac coloca-se ao lado da nova administração, apoiando as mudanças planejadas. Com ironia, critica contundentemente o jornal que diz ser quixotesco o programa da recém empossada administração. No texto, conclama Pereira Passos a não ter medo das sovas e a ser D. Quixote, como o foi para Paris o Barão de Haussman, para Lisboa o Marquês de Pombal e Alvear para Buenos Aires. É esse o Bilac que escreve:

Chorai barracões de todos os estilos, de todos os feitios, de todas as cores, góticos, manuelinos, egípcios, amarelos, vermelhos, azuis, altos, baixos, finos e grossos que encheis a cidade, que oprimis o solo, que tapais o horizonte, que ofendeis os olhos, que nauseais as almas! Chegou a vossa última hora...Um prefeito, que não gosta de monstros, jurou guerra implacável e feroz à vossa raça maldita: preparai-vos todos para cair, fortalezas de mau gosto, baluartes de fealdade, templos de hediondez -, como já caiu o vosso companheiro do largo do Paço, aos golpes dos martelos abençoados da Prefeitura! (BILAC, 1903)

Seria simplista demais, contudo, analisar Bilac apenas como o porta-voz do poder estabelecido, já que, por vezes, denunciava a forma como as leis oficiais eram aplicadas,

indaga sobre as decisões políticas, aponta para as falhas cometidas, tornando-se, nesses casos, deveras crítico. Ao lado do enaltecimento das mudanças, os problemas são apontados. Através dos textos de Olavo Bilac, encontramos um intelectual que, no ambiente restrito de sua cidade, foi capaz de nela enxergar mazelas, ainda hoje resistentes. Nos textos publicados entre 1896 e 1902, ou seja, antes do "bota-abaixo", vemos um Bilac extremamente incomodado com a sujeira de sua cidade: "A cidade do Rio de Janeiro é hoje tão suja, tão mal cheirosa, tão feia como nos tempos de D. João VI", escreve em 1900, seguindo a mesma crítica feita quatro anos antes: "Esse pó acusador e revolucionário que tão escandalosamente veio demonstrar que o Rio de Janeiro é a cidade mais suja do mundo". E, de forma irônica, em 1899 diz que "Os dias passam, e a gente continua a esperar que as redes de esgoto, as drenagens de solo e os abastecimentos d'água caiam do céu por descuido.

Essas são algumas das centenas de frases que poderíamos colocar para exemplificar a postura de um Bilac indignado com a poeira e a falta de higiene daquela que ele sonhava em ver um dia saneada. Essa posição implicou em contradições freqüentes entre o desejo do cidadão e o dever do intelectual. E não era sem tristeza que o olhar do cronista feria a Capital Federal. Pedia perdão e reafirmava seu amor, falando das mazelas citadinas "*entre dous beijos*", como uma mãe ao seu filho. E sua sinceridade o obriga a mostrar que a capital federal é "uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos". "São ofensas que nascem do amor", que têm como objetivo alertar a população e, sobretudo, pressionar os governantes.

Mesmo durante o bota-abaixo, encontramos textos nos quais a crítica é dirigida ao governo. Essa constatação surpreende, já que Olavo Bilac foi membro da equipe de Pereira Passos, com a qual parecia ter uma forte coincidência de interesses ideológicos, identificação e o desejo de "civilizar" o Rio. Em 1905 uma crônica de Bilac apresenta uma preocupação e uma crítica que o leitor mais desavisado jamais imaginaria ser do mesmo que declarava guerra aos barracões monstruosos. Relatando sentir melancolia e tristeza ao lembrar da sorte dos pobres que desocupam as casas, o cronista ressalta que as novas moradias têm preços exorbitantes para o trabalhador assalariado. Há ainda uma crítica direta à comissão nomeada para resolver o problema das habitações, cuja capacidade é posta em dúvida. Num tom bastante diverso do apresentado quando o bota-abaixo era apenas um projeto, termina seu texto afirmando: "E fala-se em arrasar todo o morro do Castelo (...) antes de arrasá-lo, digam-se, pelo amor de Deus, para onde se há de mudar toda gente que o habita, - gente que é tão gente como nós, e que, como nós, tem o direito de possuir uma casa, uma família, e uma vida!"(BILAC, 1905).

Ao relatar e analisar a complexa realidade do Rio de Janeiro, Olavo Bilac acentua a ironia em seus escritos, fazendo com que os interesses urbanos e comunitários intermedeiem suas posições políticas. O cronista substitui o homem público pela cidade como alvo de seus textos, transformando-a em personagem, com direito a nome e até título em francês: Mademoiselle Sebastianópolis. Para deixar sua amada em condições de igualdade com Buenos Aires, a maior "rival" por ser vizinha e latino-americana, o cronista não hesita em defender o concreto em detrimento da arte. "Porque nosso grande mal tem sido este: quisemos ter estátuas, academias, ciência e arte, antes de ter cidades, esgotos, higiene e conforto", afirma em crônica de 19 de abril 1903. Critica o conselho municipal por regenerar o teatro antes de construir a rede de esgoto, defende que não há civilização sem limpeza.

Não é por acaso que também Olavo Bilac, assim como Machado de Assis, viu como símbolo da modernidade os meios de transporte, principalmente na figura do bonde. Afinal, era aquilo que andava mais rápido, aquilo que acelerava o tempo ao encurtar os espaços. E quanto mais rápido, mais o país estaria progredindo, mais caminharia para o futuro, tornar-se-ia moderno. O cronista percebe o tempo da vida urbana através do bonde, veículo que não só proporciona novos relacionamentos, como inspira poetas, sendo um nivelador de classes, um instrumento da democracia, o “Karl Marx dos veículos” e um “apóstolo do socialismo”. Como símbolo do progresso que é, o bonde merece um texto de enaltecimento e glorificação.

Porém, nem só de ciência e progresso era feito o final do século. A população continuava – como até hoje - com suas festas e rituais, muitas vezes para desespero daqueles que queriam ver o Rio definitivamente ‘civilizado’. As festividades populares apareciam na contramão deste processo civilizatório e Olavo Bilac costumava referir-se a essas de forma até agressiva, como quando comenta do carroção de romeiros da festa da Penha, tradicional festa religiosa cuja origem remonta a 1635. Entretanto, mais do que afirmar que esses eventos faziam ressurgir a barbárie, o texto bilaquiano coloca a responsabilidade da manutenção da tradição em seus pares:

Em grande parte, a culpa da conservação dessa usança bárbara cabe aos jornais, que inconscientemente animam e encorajam a orgia, dando-lhe adjetivos pomposos, e continuando, não se sabe porque, a atribuir um caráter religioso a uma festa que é apenas um Carnaval, disfarçado, muito pior do que o outro. Na imprensa diária, há adjetivos de uso e emprego obrigatório. Tal é o adjetivo ‘poético’, que sempre se une a tudo quanto se refere À Penha (...) Entretanto, toda essa poesia acaba todos os anos em bebedeira e sangue. (...) os jornais têm o cuidado de não misturar esses dois aspectos da romaria tradicional. (...) As notícias aparecem separadas, em colunas distintas; mas, instintivamente, o leitor, depois de percorrer com a vista a notícia suave, procura logo a notícia feroz. (BILAC, 1906)

A posição de Olavo Bilac como o cronista da cidade é fato reconhecido pelos estudiosos sobre o período e até mesmo por seus contemporâneos, como é caso de Lima Barreto que afirma textualmente: “Não houve poeta, cronista mais carioca do que Bilac. Que fez o conselho para lhe erguer um monumento no Passeio Público como era seu desejo tácito? Nada” (BARRETO, 1961. p.234). Líder dos intelectuais da sua “amada sebastianópolis”, é na crônica que o parnasiano faz do Rio de Janeiro seu cenário preferido. O progresso, entretanto, supera o ceticismo em relação às novidades e a defesa da modernidade sobrepuja-se dentro das crônicas:

Mas o meu sonho animou tudo aquilo: comecei a ver, ao longo da cidade derramada aos meus pés, rasgar-se a grande Avenida; diante dos meus olhos deslumbrados relampejavam jatos de luz elétrica; e vi desenhar-se a cidade futura, resplandecente e rica, mais bela do que todas as suas irmãs, irradiante na glória e na civilização. Ah, quem me dera vida para te ver e te amar nesses dias, cidade do meu amor! (BILAC, 1906)

Um perfeito porta-voz da “Belle Époque” carioca é como Jeffrey Needell rotula Olavo Bilac, por sua posição de “representante da civilização e crítico do ‘atraso’ urbano”

(NEEDELL, 1993. p 235). É considerado o cronista de sua geração que lutou de forma mais contundente, clara e objetiva pela melhoria da condição urbana. A crônica sobre a cidade sustenta sua atividade e com ela defende a modernização do Rio e, por extensão, a do país, tornando-se um “pintor da vida moderna”, para utilizar a expressão assim definida por Baudelaire: “O pintor (ou romancista ou filósofo) da vida moderna é aquele que concentra sua visão e energia na ‘sua moda, sua moral, suas emoções’, no ‘instante que passa e (em) todas as sugestões de eternidade que ele contém’”. (BERMAN, 1986 p. 130) Olavo Bilac, ao captar a aparência e o sentimento do lugar e momento que vive, apreendeu e revelou esse aspecto da modernidade.

CONCLUSÃO

As cidades, que como nós são organismos vivos em constante evolução, também têm suas crises (...) Vamos morrendo e as cidades vão vivendo; uma doença que, em cada um de nós pode durar um ano, pode nelas durar um século; e felizes de todos nós, daqueles que vivem bastante para poder apreciar, em conjunto, uma dessas peripécias críticas na existência de uma vasta aglomeração humana. Estamos gozando essa felicidade, no Rio de Janeiro – os que atravessamos vivos estes últimos dez anos. Dez anos de ‘muda’ em tudo: no aspecto e na essência, na forma e no fundo, na superfície e no âmago”(BILAC, 1908)

No presente trabalho foram reveladas apenas algumas das muitas crônicas de Olavo Bilac, apresentando a faceta não do grande poeta parnasiano, mas sim do jornalista de texto magistral e testemunha de um momento de grande efervescência cultural e política no país, membro e formador de opinião da elite local que foi. Os textos que publicou em diferentes momentos de sua trajetória mostram uma imagem diferente daquele que foi eleito o “príncipe dos poetas”. Longe de estarem em contradição, os escritos revelam em uma mesma moeda as duas faces: por um lado a forma literária, por outro a importância atribuída à realidade social. Sempre na busca do modelo de civilização que defendia.

Na virada de século, época quando o Brasil se construía e se conhecia como república, quando as cidades se consolidavam como pólos de vivência e produção, a escrita jornalística bilaciana registrava parte do esforço de compreensão da experiência de modernização vivida pela capital federal no início do século XX. Este estudo dos textos publicados entre 1893 e 1908, no jornal *Gazeta de Notícias*, pretendeu ainda demonstrar a representatividade do pensamento do autor e a importância da crônica na definição do cenário cultural da Belle Époque carioca.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado. *Balas de estalo & crítica* (obras completas de Machado de Assis). São Paulo: Globo, 1997.

BARRETO, Lima. *Vida urbana; artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1961

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** *São Paulo*. Cia das Letras, 1986

BILAC, Olavo. **Ironia e Piedade.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.

BILAC, Olavo. Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 10/12/1895

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 05/12/1896

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 27/05/1900

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 18/11/1900

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 17/08/1902

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 25/01/1903

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19/04/1903

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 11/10/1903

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 13/03/1904

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 13/08/1905

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 19/11/1905

_____ Crônica. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 16/02/1908

BROCA. Brito. **A Vida Literária no Brasil - 1900.** Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1975.

CUNHA, Euclides. **OS Sertões** – campanha de Canudos. São Paulo: Editora Círculo do Livro, 1979.p. 282.

_____ **Correspondência de Euclides da Cunha.** IN: GALVÃO, Walnice Nogueira e GALOTTI, Oswaldo (orgs.). São Paulo: Edusp, 1997.

DOMINGOS, Chirley; ALVES, Marcelo (orgs.). **A cidade escrita** – literatura, jornalismo e modernidade em João do Rio. Itajaí: Universidade do vale do Itajaí, 2005.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical:** sociedade e cultura de elite na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RAMA, Angel. **A cidade das Letras.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Editora Unicamp, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Email para contato: martascherer@gmail.com